



A
MENTALIDADE

12 AVISOS DA HISTÓRIA

NAZI

LAURENCE REES

v o g a i s

Para o Oliver

ÍNDICE

<i>Prólogo</i>	9
<i>Introdução</i>	11
1. Espalhar Teorias da Conspiração	21
2. Usar Nós e Eles	55
3. Liderar como um Herói	87
4. Corromper a Juventude	119
5. Conspirar com a Elite	139
6. Atacar os Direitos Humanos	173
7. Explorar a Fé	207
8. Valorizar os Inimigos	243
9. Eliminar a Resistência	279
10. Fazer Escalar o Racismo	313
11. Matar à Distância	341
12. Semear o Medo	379
<i>Post-scriptum</i>	421
<i>12 Avisos</i>	441
<i>Agradecimentos</i>	455
<i>Lista de Fotografias</i>	459
<i>Notas</i>	463
<i>Índice de Nomes</i>	519

PRÓLOGO

«Até 1933, a nossa vida foi muito simpática e confortável. Mas quando Hitler chegou ao poder, as crianças que moravam no nosso prédio já não falavam connosco; atiravam-nos pedras e chamavam-nos nomes. E nós não conseguíamos perceber o que tínhamos feito para o merecer. Por isso a pergunta era sempre — porquê?»¹

LUCILLE EICHENGREEN, membro de uma família judaica de Hamburgo — levada para Auschwitz em 1944

«Tive uma educação muito católica, e não me passou pela cabeça que algo de terrível [como isto] pudesse acontecer [...] Estava para além da nossa experiência de vida [...] Depois do que vivi no campo não existem valores [...] Atormentava-me desesperadamente, ao ponto de ficar à beira do suicídio.»²

MIECZYSLAW BROŻEK, professor assistente na Universidade Jagielloniana de Cracovia, levado em 1940 para o campo de concentração de Dachau

«Tínhamos cães em nossa casa, mas nunca fomos tão cruéis para com eles como os fascistas foram para connosco [...] Eu estava sempre a pensar, “O que torna esta gente tão cruel?”»³

VASYL VALDEMAN, judeu ucraniano, que em 1941 viu os nazis levarem os aldeões seus conterrâneos para serem assassinados

Porque é que os nazis cometeram os crimes que cometeram? Como foi possível que gente de uma nação culta tenha perpetrado as piores atrocidades da História?⁴ Que relevância tem esta história hoje para nós? São estas as perguntas a que este livro procura responder.

Mas se o foco desta obra é a mentalidade dos nazis, nunca devemos esquecer-nos do sofrimento daqueles que eles procuraram destruir.

INTRODUÇÃO

Encontrei pela primeira vez um ex-membro das Waffen SS, a força militar nazi de elite,¹ ao fazer pesquisa para um documentário televisivo na Áustria em 1990. Foi uma experiência extraordinária.

Ele não era apenas inteligente e amigável — era fácil perceber como, depois da guerra, tinha feito carreira como executivo de topo numa empresa alemã de automóveis. Porém, como descobri rapidamente durante o nosso almoço, embora conseguisse ter um extraordinário sucesso no presente, a sua visão do passado era uma fantasia: uma história alternativa na qual o Terceiro Reich tinha sido uma «era dourada», a guerra não tinha sido culpa da Alemanha e os judeus tinham sido um «problema» com o qual era preciso lidar «de uma maneira ou de outra». Os seus oito anos de prisão no *gulag* de Estaline imediatamente a seguir à guerra tinham-no convencido ainda mais de que os nazis mereciam ser elogiados por tentarem proteger a Europa do «flagelo do bolchevismo». Durante o café, disse que aceitara falar comigo porque admirava os britânicos, embora tenha criticado Churchill por ter cometido o «terível erro» de não ter procurado uma aliança com a Alemanha nazi, porque então «podíamos ter governado o mundo em conjunto».

Desde esse almoço que tenho procurado compreender como era possível que este indivíduo sofisticado pensasse, muito depois do fim da guerra, do modo como pensava. E em busca desse

objetivo, ao longo dos anos que decorreram desde então encontrei-me com centenas de outras pessoas que viveram o Terceiro Reich.

Reconhecendo, evidentemente, que é vital aos historiadores estudar material de arquivo, foi a oportunidade de me encontrar com aqueles que viveram esta história em primeira mão que mais transformou o meu entendimento.² Este é um privilégio que já não está acessível a mais ninguém, pois praticamente todas as pessoas que procurámos e entrevistámos ao longo dos últimos trinta anos já morreram.³

Na década de 1990 passei vários anos a trabalhar numa série televisiva documental e num livro a que chamei *The Nazis: A Warning from History*. O «aviso» que quis fazer era geral, inspirado pelas palavras do filósofo alemão Karl Jaspers: «O que aconteceu é um aviso. Esquecê-lo é motivo de culpa. Devemos recordá-lo continuamente.»⁴

Agora, depois de estudar mais profundamente as mentalidades dos nazis, acredito poder ser mais específico sobre os avisos que devemos tirar desta história. Consequentemente, os doze capítulos que se seguem não se limitam a analisar as razões pelas quais os nazis desenvolveram as mentalidades que desenvolveram; cada um deles também ilustra um aviso particular que creio ser válido para nós hoje. Discuto, posteriormente, a relevância específica destes diferentes avisos no final do livro.

Concentro-me nos avisos porque não acredito que a História forneça lições precisas. Quantas vezes, por exemplo, lemos nas redes sociais que uma lição que os políticos devem aprender com o nazismo é não procurarem «apaziguar» uma potência estrangeira? Lembrem-se, dizem, Winston Churchill avisou que não se devia apaziguar Hitler, e por isso o apaziguamento é um erro. Mas a História não funciona dessa maneira. Se é verdade que Churchill não apaziguou Hitler, apaziguou muito Estaline.⁵ Qual é então a lição a tirar? Podemos apaziguar algumas pessoas em algumas circunstâncias, mas não devemos apaziguar outras em circunstâncias diferentes?

Contudo, ao contrário de uma lição, que é uma regra fixa, um aviso é apenas uma tendência. Os médicos não podem dizer que é uma lição de medicina dizer que se vai morrer cedo se se fumar — afinal, há fumadores que vivem até aos 100 anos — mas podem avisar dos perigos do tabaco. Continua a ser um conselho valioso, mesmo que não seja tão prescritivo como uma lição.

Esta história tem importância. Muitas democracias estão atualmente ameaçadas e é útil ter consciência das técnicas que os aspirantes a tiranos irão provavelmente usar para subverterem as nossas liberdades. Mas tenho consciência de que este continua a ser um livro de História, não uma peça de comentário político. E, sem conhecermos a História, os avisos não podem ser inteiramente entendidos.

Uma das primeiras coisas que aprendi nos meus estudos foi que, para compreender porque os nazis tinham as mentalidades que tinham, temos de entender a realidade de uma verdade fundamental: somos todos criaturas de um tempo específico e de um lugar específico. Isto pode parecer evidente, mas a minha experiência é que muitas pessoas não compreendem por inteiro como são moldadas pelo tempo e pelo lugar.

Um filme que encomendei e do qual fui produtor executivo no início dos anos 1990, chamado *The Stolen Child*, sublinha-o de modo dramático.⁶ Fala de uma criança polaca chamada Alojzy que foi tirada à sua mãe em 1942 pelos nazis, quando tinha 4 anos. Heinrich Himmler, chefe das SS, queria raptar todas as crianças polacas que fossem consideradas «racialmente desejáveis» e enviá-las para a Alemanha. Alojzy, como parte desta política desumana, foi levado da Polónia e adotado por um casal alemão que era empenhadamente nazi. Foi euforicamente feliz na sua nova casa e adorava a sua mãe adotiva alemã. Não tinha memória alguma dos seus primeiros anos na Polónia.

Alojzy tinha 7 anos quando a guerra acabou, e «chorou» quando soube que a Alemanha tinha sido derrotada. Alguns anos depois

a sua mãe verdadeira localizou-o, e ele descobriu a chocante verdade — não era alemão mas sim polaco. Ao princípio, Alojzy recusou-se a aceitá-lo — sem surpresas, pois tinha sido educado para acreditar que os polacos eram «sub-humanos». Mas acabou por ser forçado a admitir que não era quem pensava ser.

Será possível existir exemplo mais claro do poder da situação para influenciar as nossas convicções? A história de Alojzy é tanto mais salutar dado que a maioria das crianças polacas levadas pelos nazis nunca foi devolvida ao seu lar original. Quantas delas viveram e morreram acreditando serem alemãs, e se sentiram desapontadas por Hitler ter perdido a guerra?

A história de Alojzy demonstra, ao mesmo tempo, como não é apenas o tempo específico em que vivemos que ajuda a determinar a nossa mentalidade, mas também o local específico. Esta realidade tornou-se-me evidente de forma mais poderosa quando visitei dois dos locais mais significativos do mundo — Jerusalém e Varanasi — e observei a influência que estas cidades tiveram em Jesus e no Buda. Tornou-se rapidamente evidente que as palavras e atos destes dois gigantes da religião refletiam em grande parte os locais nos quais aconteceu viverem e morrerem. Jesus não poderia ter criticado os cambistas no templo de Jerusalém se o local não tivesse um tal significado para ele, nem Buda teria pregado o seu primeiro sermão em Sarnath, logo à saída da cidade santa de Varanasi na Índia, junto ao rio Ganges, se não tivesse compreendido a importância espiritual desse local em particular. Acredito ser importante sublinhar este tipo de ligação porque — sobretudo na cultura popular — as figuras históricas são frequentemente arrancadas ao seu contexto.

Por vezes, na História, o contexto muda dramaticamente durante a vida de uma pessoa. Foi o caso de muitos dos nazis fervorosos que conheci. As certezas que lhes foram ensinadas na Alemanha nazi nos anos 1930 foram destruídas no rescaldo da derrota em 1945. Isto causou muitas vezes uma desconexão fundamental nas suas cabeças. Compreendiam depois da guerra que o mundo achava

o nazismo horrendo, mas não conseguiam aceitar terem feito algo de mal enquanto o Terceiro Reich prosperou. «Se tivesse lá estado», diziam, «perceberia.» Este sentimento também levou alguns deles a defenderem o mito de «terem sido hipnotizados» — a ideia de terem caído sob o feitiço de Hitler para apenas acordarem quando o seu Führer meteu uma bala na cabeça a 30 de abril de 1945.

Era um disparate, claro. Ninguém foi hipnotizado para se tornar nazi. Em vez disso, o que penso que estavam a procurar expressar era a dualidade dentro de si — o «eu» que era nazi e o «eu» que agora reconhecia que os nazis tinham feito coisas terríveis. Nesse contexto, precisamos de recordar que foi apenas a derrota da Alemanha a causar esta dicotomia. Se os nazis tivessem ganhado a guerra quase certamente continuariam a acreditar na causa.

À medida que a nossa própria cultura foi mudando, testemunhei coisas semelhantes — embora em escala muito menor. Enquanto crescia, nos anos 1960, costumava ver muito o meu tio favorito, que nascera na Escócia no início dos anos 1900. Era um homem encantador, gentil e generoso, mas com uma aversão ardente à homossexualidade. Fazia muitas vezes comentários profundamente homofóbicos — palavras que, seguramente, hoje o levariam a ser censurado. Mas quando ele fazia esses comentários, os atos homossexuais eram ilegais e ele expressava o que muitos outros pensavam. Por isso, olhando para trás, deverei perdoá-lo ou condená-lo? Na Cidade do Cabo, numa digressão, contei esta história a um dos principais historiadores da África do Sul, e lembro-me de ele comentar: «Desde o fim do *apartheid*, todos temos um tio desses...»

Neste livro, pela primeira vez na minha obra, exploro como a psicologia enquanto disciplina nos pode ajudar a compreender a mentalidade dos nazis, e como aspetos da neuropsicologia e da psicologia comportamental e social me abriram perspectivas valiosas. Antes de falar com psicólogos académicos e de estudar artigos científicos sobre o tema, não tinha consciência dos imensos avanços que foram feitos nos últimos anos nestas áreas.

Em especial, o campo relativamente novo da psicologia evolucionária tem sido de considerável valor. Esqueçemo-nos por vezes de que os nossos cérebros evoluíram enquanto os nossos predecessores mais antigos caçavam nas savanas, e, desde então, o tempo que passou em termos evolutivos é insuficiente para permitir grandes mudanças. Os professores Leda Cosmides e John Tooby, dois dos pioneiros da psicologia evolucionária, acreditam que «a chave para compreender o modo como a mente moderna funciona» reside em compreender que os circuitos da mente «foram concebidos para resolver os problemas quotidianos dos nossos antepassados caçadores-recoletores». Se tem dúvidas, pergunte-se porque tanta gente tem medo de cobras quando, na maior parte do mundo desenvolvido, «as tomadas elétricas são um perigo maior do que as cobras». Contudo, praticamente ninguém tem fobia às tomadas elétricas.⁷

Investigação psicológica recente sobre várias predisposições cognitivas — como a hipótese do «mundo justo» e a predisposição negativa — também tem ajudado. Se as circunstâncias mudaram desde o tempo dos nazis, as predisposições cognitivas que existiam então permanecem.

No entanto, abordei o recurso a este material com moderação e cuidado, recordando sempre que este é um livro de história ocasionalmente influenciado pela psicologia, e não um livro de psicologia influenciado pela história. Não acredito, por exemplo, que tentar psicanalisar as altas instâncias nazis à distância seja de grande ajuda. Quem estiver tentado a seguir tal caminho deverá ler a longa análise de Hitler escrita durante a guerra por um psicanalista norte-americano chamado Walter Langer para o OSS, o antepassado da CIA. Era especulação em cima de especulação e incluía uma quantidade de absurdos. Talvez a sugestão mais ridícula fosse que Hitler teria sido levado a construir o Ninho da Águia — um salão de chá nas alturas do Kehlstein, uma montanha da Baviera, alcançada por um túnel e um elevador — pelo desejo de regressar à

segurança do fluido amniótico da sua mãe. «Se nos fosse pedido para desenhar algo que representasse um regresso ao útero», escreveu Langer, «não nos seria possível ultrapassar o Kehlstein.»⁸ Era um disparate completo. O salão de chá do Kehlstein nem tinha sido ideia de Hitler. Fora uma iniciativa de Martin Bormann, o seu secretário, e Hitler não gostava particularmente do sítio.⁹ Preferia de longe a *Berghof*, a sua casa mais abaixo no Obersalzberg, que nem sequer um psiquiatra freudiano poderia alegar parecer-se com um útero.

Pelo menos Langer era contemporâneo de Hitler — muito embora nunca o tenha conhecido. Qualquer tentativa de psicanalisar nazis infames nos nossos dias, muito depois das suas mortes, está fadada a ser ainda mais perigosa. Tais especulações limitam-se muitas vezes a reenquadrar questões sobre eles e podem mesmo aproximar-se de uma exoneração dos seus crimes. Não apenas isso; as tentativas desde a guerra de definir um «tipo» nazi específico têm tido um inacreditável fracasso.¹⁰

A ideia de existir uma «personalidade nazi» específica é exatamente o tipo de pensamento categórico que precisamos de evitar. Tal como foi um erro behavioristas como John Watson acreditarem que os seres humanos são infinitamente maleáveis e podem ser mudados totalmente pelo seu ambiente, ou o neurologista Egas Moniz achar que as lobotomias frontais eram o modo de curar «doenças mentais»,¹¹ também é um erro abordar esta história de modo igualmente didático. Precisamos de ter cuidado para não generalizar a psicologia, tal como nos devemos abster de generalizar a história. É compreensível que muitos queiram pensar que existe uma única explicação para o comportamento humano — em particular, uma que explique crimes horrendos —, mas ela nunca existe.

Daqui decorre que, tal como devemos abordar o estudo da história com um sentimento de humildade, também devemos abordar a aplicação da investigação psicológica à história com o

mesmo espírito. Tenho sempre presentes as palavras de um dos principais neurocientistas do mundo, que fez notar que «Tentar fazer sentido da biologia do comportamento social humano é um processo enorme e complicado».¹² Uma miríade de fatores influenciou quem somos — incluindo a nossa herança genética, o nosso ambiente pré-natal, as circunstâncias socioeconómicas dos nossos pais, até onde aprendemos determinados tipos de comportamentos em criança, a nossa educação e por aí fora. Somos todos uma mistura heterogénea do nosso ambiente e da nossa biologia.

Algumas palavras sobre o título e o conteúdo do livro. Por «mentalidade nazi» refiro-me a várias mentalidades nazis diferentes — não apenas as convicções dos nazis filiados, mas também as de outros que apoiaram o regime. Igualmente, o facto de o foco deste livro estar nos perpetradores destes crimes terríveis, não deve ser mal interpretado como uma tentativa de os exonerar. Compreender não é desculpar. Todos neste livro escolheram cometer, ou não, atrocidades. O chocante é que muitos deles — depois do fim da guerra — nunca foram devidamente responsabilizados.

O livro tem no essencial uma estrutura cronológica, que nos permite ver como estas mentalidades se desenvolveram ao longo do tempo. Destaco as experiências de uma série de testemunhas oculares — escolhidas por representarem arquétipos dentro do Terceiro Reich — com muitos dos testemunhos a serem publicados aqui pela primeira vez. Este material está entrelaçado com a história de nazis infames como Himmler, Röhm, Heydrich, Streicher, Göring e, claro, Hitler. Não tento apresentar biografias completas destas figuras familiares mas concentrar-me, em vez disso, no modo como as suas mentalidades se formaram.¹³ O propagandista nazi Joseph Goebbels também desempenha um papel importante nesta história. Foi responsável em grande parte pelo que chamou de «mobilização da mente e do espírito» nos

anos 1930 — a tentativa de convencer todos aqueles que considerava «verdadeiros» alemães a adotarem o nazismo.¹⁴

Goebbels interessa-me desde que escrevi e produzi um filme sobre ele há mais de trinta anos. Recordo-me vivamente de entrevistar a famosa atriz alemã Margot Hielscher sobre Goebbels, no seu camarim, antes de ela entrar em cena em Berlim. Então com pouco mais de 70 anos, ela falou do modo como ele dominara a indústria cinematográfica alemã. Mas foi uma observação quase de passagem que mais me ficou na cabeça. Ela disse nunca ter conhecido um «político» tão «encantador» como ele, e comparou-o favoravelmente a «algumas das grandes estrelas de cinema».¹⁵ Era Goebbels um «político» «encantador»? Como era isto possível? Goebbels foi um dos piores criminosos de guerra nazis, regozijando-se com a destruição dos judeus no início dos anos 1940.

Tal como conhecer o oficial das Waffen SS que achava que o Terceiro Reich tinha sido uma «era dourada» teve um profundo efeito sobre mim, também conhecer Margot Hielscher o teve. Ambos me fizeram questionar como me teria comportado se tivesse vivido esse período da história alemã. Mas como cada um de nós é o produto de uma relação intrincada entre a nossa biologia e as circunstâncias em que vivemos, não posso ter certeza do que teria feito.

Então fiz-me uma pergunta semelhante. Se a minha própria vida se alterasse dramaticamente hoje, como me comportaria?

Por vezes, nas conferências que dou sobre as mentalidades das pessoas durante a guerra, pergunto às pessoas do público o que fariam se as suas circunstâncias subitamente mudassem. Peço-lhes que imaginem que terroristas trancaram todas as portas do anfiteatro e que duas centenas de pessoas, incluindo nós, têm de ficar na sala 48 horas sem comida nem água. Depois, no fim dessas 48 horas, seis garrafas de água são atiradas para dentro da sala, e dizem-nos que não vamos receber mais nada durante outras

48 horas. Conseguem prever como irão reagir quando essa água chegar? Lutarão por ela a todo o custo? Irão partilhá-la? Deixarão as pessoas que mais a merecem bebê-la primeiro? E se não conseguem prever o que fariam, quão bem se conhecem a vocês mesmos?

Como a história estudada neste livro demonstra, o comportamento das pessoas mudou à medida que a situação foi mudando. O desafio é compreender porque mudou daquele modo e o que podemos transportar das suas experiências para os dias de hoje.

1.

Espalhar Teorias da Conspiração

Os nazis alimentavam-se de teorias da conspiração. E usavam os mesmos processos mentais dos teóricos da conspiração dos nossos dias para se convencerem de que tinham razão. A única diferença é que as teorias da conspiração dos nazis sustentaram o mais horrível crime da História — o Holocausto.

Foi a Primeira Guerra Mundial que deu à luz muitas das teorias da conspiração a que os nazis recorreram. Na verdade, sem a Primeira Guerra Mundial e a longa sombra que lançou, não teria existido um Partido Nazi nem Adolf Hitler teria sido chanceler da Alemanha. É por isso vital, se queremos entrar na mente dos nazis, compreendermos como esta Primeira Guerra — a Grande Guerra — se tornou o prisma pelo qual muitos deles viam o mundo e o lugar da Alemanha nele.

Parte da razão pela qual esta guerra teve um tal efeito, não apenas sobre os nazis mas sobre toda a psique alemã, foi devido às enormes oscilações de emoção que engendrou. A humilhação máxima de 1918 foi tornada mais difícil de suportar pelas alegres expectativas que muitos alemães tinham sentido quando a guerra fora declarada apenas quatro anos antes. As teorias da conspiração que emergiram perto do fim da guerra não poderiam ter tido o impacto que tiveram se não tivesse existido esta euforia inicial.

«Finalmente a vida reconquistara um significado ideal», escreveu o autor de esquerda Ernst Glaeser, descrevendo o estado de espírito em agosto de 1914. «As grandes virtudes da humanidade, da fidelidade, do patriotismo, da prontidão para morrer por um ideal [...] estavam a triunfar sobre o espírito mercantil e merceeiro [...] A guerra purgaria a humanidade de todas as suas impurezas.»¹ Era um sentimento com o qual o historiador Friedrich Meinecke, do lado oposto do espectro político, concordava entusiasticamente ao escrever depois da guerra: «Todas as brechas que tinham até então existido entre o povo alemão, tanto entre a própria burguesia como entre a burguesia e a classe operária, desapareceram subitamente perante o perigo comum.»²

Se a medida em que os alemães abraçaram a guerra no verão de 1914 foi questionada e contextualizada pelos académicos em tempos recentes,³ a verdade é que muitas pessoas tiveram um sentimento de unificação quando as hostilidades começaram em agosto. Esta aproximação foi resumida pela célebre frase proferida nesse mesmo mês pelo *kaiser* Guilherme II: «Já não reconheço partidos [políticos]; apenas reconheço alemães.»⁴ Estas palavras podem hoje dizer-nos pouco, mas na altura foram eletrizantes. A Alemanha apenas tinha sido unificada em 1871 — menos de cinquenta anos antes de a guerra eclodir — e, mesmo depois da unificação, o país ainda continha vinte e cinco estados separados. Embora todos eles reconhecessem a primazia do *kaiser*, guardavam zelosamente a sua própria independência no interior da federação alemã. A Baviera ainda mantinha o seu próprio exército e monarca.

O que o *kaiser* proclamou em agosto de 1914 foi um sentimento nacionalista de «Germanidade». Isto era particularmente apelativo tendo em conta como o país mudara ao modernizar-se durante o século XIX, não apenas politicamente mas também económica e culturalmente. Toda esta mudança deixara na sua esteira uma questão abrangente — o que significava exatamente ser alemão, em vez de se ser bávaro, prussiano ou hessiano? O *kaiser*

procurou fornecer uma resposta. Não importava qual o partido político a que se pertencia ou o estado federal de onde se vinha, acima de tudo era-se alemão, e ser alemão significava o dever de lutar pela honra da Alemanha.

Emil Klein era estudante na altura — tornar-se-ia mais tarde nazi convicto — e recordou que «havia sempre grande júbilo quando um comboio especial cheio de soldados em fardas de campanha partia da estação. E eu ia lá muito e via-os partir, sobretudo quando o meu próprio pai foi para a guerra [...] Fomos educados como nacionalistas». Quando ele e os seus colegas estudantes marchavam para a aula de ginástica, cantavam «canções patrióticas» como «Oh Alemanha tão honrada!»⁵

Ernst Jünger, escritor muito admirado pelo movimento nazi, alistou-se no exército em agosto de 1914, aos 19 anos. «Tendo crescido numa época de segurança», escreveu, «partilhávamos um anseio pelo perigo, pela experiência do extraordinário. Fomos arrebatados pela guerra. Partíramos sob uma chuva de flores, numa atmosfera ébria de sangue e rosas. Com certeza que a guerra tinha de nos dar aquilo que queríamos: a grande, a esmagadora, a sagrada experiência.»⁶

Sentimentos semelhantes eram partilhados por um pintor de quadros para turistas com 25 anos que vivia em Munique nesse mês de agosto — Adolf Hitler. Nascido na Áustria, alistara-se imediatamente num regimento bávaro porque se considerava alemão. «Para mim essas horas pareciam ser uma libertação do sentimento doloroso da minha juventude», escreveria dez anos depois. «Ainda hoje não tenho vergonha de dizer que, subjugado por um entusiasmo tempestuoso, caí de joelhos e agradei ao Céu com o coração a transbordar por me conceder a fortuna de me permitir viver nestes tempos. Começara uma luta pela liberdade, mais poderosa do que a terra alguma vez vira.» A questão épica, como Hitler a via, era «se a nação alemã iria ser ou não ser».⁷

No Ministério da Guerra em Berlim, mesmo antes de o conflito ter início, o ambiente prevalecente era de otimismo. O adido militar bávaro viu «por todo o lado rostos radiantes, apertos de mãos nos corredores; felicitamo-nos a nós próprios por termos ultrapassado o obstáculo [de decidir entrar em guerra]». ⁸

Tudo isto nos parece incrível hoje, mas apenas porque sabemos o que se seguiria — quatro anos de guerra que custaram as vidas a cerca de dez milhões de soldados, dois milhões deles alemães. Isto ficou, claro, muito longe do resultado pretendido pela liderança alemã. O Alto-Comando planeava uma campanha veloz, seguindo o ditame de Frederico, *o Grande*, de que a Prússia deveria travar guerras «curtas e vivas». O inimigo deveria ser esmagado numa questão de semanas se possível, de meses se necessário, mas certamente nunca num conflito debilitante de quatro anos. Sob Frederico, *o Grande*, a Prússia nunca tivera recursos para travar uma tal guerra, e, ainda ensanduichada entre inimigos a leste e oeste, a Alemanha sob o *kaiser* Guilherme II também não os tinha. ⁹

A princípio, o otimismo alemão pareceu ser merecido quando o exército alemão venceu a Batalha das Fronteiras, o primeiro grande embate na Frente Ocidental. Mas este conjunto de batalhas, travadas no sul da Bélgica e no nordeste da França em agosto e no princípio de setembro, também demonstrou com chocante imediatismo que este iria ser um tipo diferente de guerra. Em Morhange, o exército francês entrou em campo ainda com o seu uniforme tradicional de casaca azul e calças vermelhas. Alvos fáceis para os alemães, foram abatidos em massa. Foi uma lição sangrenta sobre a necessidade de camuflagem num conflito moderno.

Ernst Röhm, que viria a tornar-se o líder das SA (Sturmabteilung — tropas de assalto nazis), lutou na Batalha das Fronteiras, aos 26 anos, como tenente. Escreveu depois da guerra que, antes de entrarem em ação, «a alegria e o entusiasmo pela batalha reinavam por todo o regimento». ¹⁰ Mas depois Röhm testemunhou em primeira mão como a «alegria e entusiasmo» iniciais dos seus soldados foram

testados pelo poder devastador do armamento moderno. Recordou o «fogo esmagador de infantaria, metralhadora e artilharia» que os imobilizou num combate «pavoroso».¹¹ E embora os alemães tenham ganhado a batalha, o seu regimento sofreu «perdas terríveis».¹²

Não obstante, os alemães conseguiram avançar, forçando os Aliados de regresso a França. A 27 de agosto de 1914, um relatório do Supremo Quartel-General alemão alegou que o inimigo estava «em retirada total [e] incapaz de oferecer resistência significativa ao avanço alemão».¹³ A 1 de setembro, os soldados do exército alemão estavam a cerca de 50 quilómetros de Paris. Isto marcou o ponto alto do seu sucesso. Dias depois, todo o curso da guerra mudou.

As forças francesas e britânicas conseguiram montar um poderoso contra-ataque contra um exército alemão que se esticava para além dos seus limites, na que ficou conhecida como Primeira Batalha do Marne. Em poucos dias, forçaram os alemães a retirar para linhas mais defensáveis. Paris fora salva, e um novo tipo de conflito começou a desenvolver-se na Frente Ocidental — a guerra das trincheiras.

Isto assinalou o início de uma guerra que os alemães e os seus aliados eram praticamente incapazes de vencer. Esta não era a guerra «curta e viva» que queriam, mas um combate longo e estático que exigia uma profundidade de recursos que eles não possuíam. Mas não foi assim que os *media* alemães explicaram o que estava a acontecer. Os eventos devastadores da Primeira Batalha do Marne foram retratados como um revés menor — uma simples mudança de posição, uma alteração tática.¹⁴ Foi um dos primeiros exemplos de uma desonestidade que impregnaria a cobertura alemã oficial da guerra — uma desonestidade com enormes consequências psicológicas. Os verdadeiros culpados das dificuldades agora enfrentadas pelo exército alemão — os líderes militares que haviam feito um erro de cálculo fundamental — esconderam-se por trás de uma barragem de falsidades: mentiras

que, posteriormente, ajudaram os teóricos da conspiração a propagar as fantasias que bem entendessem.

É irónico, dado que a Primeira Guerra Mundial continua a viver na consciência das pessoas como um conflito entorpecido e pouco imaginativo, que estes primeiros meses da guerra também tenham representado uma revolução na guerra. Uma série de desenvolvimentos modernos juntara-se para alterar para sempre o modo como se travavam batalhas. A primeira mudança, como testemunhou Ernst Röhm na Batalha das Fronteiras, foi o poder aterrorizador do armamento moderno — sobretudo a artilharia avançada e a metralhadora. Acrescente-se-lhe o uso de arame farpado para proteger posições defensivas e os telefones e as ligações sem fios para ajudar à comunicação. Finalmente, a disponibilidade de comida enlatada significava que milhões de soldados podiam ficar a combater no mesmo sítio durante anos seguidos.¹⁵

Cada uma destas inovações favorecia o defensor mais do que o atacante. O efeito cumulativo de todas elas no soldado que recebia ordens para avançar era horrendo. Adolf Hitler, numa carta que enviou da frente a um conhecido em Munique, tentou transmitir uma impressão deste novo tipo de guerra: «Finalmente ouviu-se a ordem: “Avançar!” Erguemo-nos em massa e corremos pelo campo até uma pequena quinta. À esquerda e à direita explodiam estilhaços, e pelo meio as balas inglesas cantavam. Mas não ligámos. Durante 10 minutos ali ficámos, e depois voltámos a receber ordens para avançar [...] Rastejámos com as barrigas no chão até à orla do bosque. Por cima de nós os projéteis gritavam e assobiavam, à nossa volta voavam lascas de troncos de árvores e ramos. E, depois, explodiram granadas na floresta, levantando nuvens de pedras, terra, e sufocando tudo com um vapor verde-amarelado, malcheiroso, enjoativo.»¹⁶

Em 1941, Hitler falou em privado da lição que tirara desta experiência: «Foi com sentimentos de idealismo puro que parti para a

frente em 1914. Depois vi homens a caírem à minha volta aos milhares. Assim aprendi que a vida é uma luta cruel, e não tem outro objetivo que não seja a preservação da espécie. O indivíduo pode desaparecer, desde que existam outros homens para o substituir.»¹⁷

Ernst Röhm partilhava com Hitler esta compreensão do verdadeiro horror da guerra na Frente Ocidental. Na verdade, a experiência de Röhm foi pior. Pouco depois da Batalha das Fronteiras, enquanto dormia, subitamente recebeu «uma pancada forte no rosto [...] Quando toquei na minha cabeça a sangrar, descobri que um estilhaço de um obus arrancara a parte superior do meu nariz. Uma ferida profunda abriu-se no meu rosto; o sangue corria incessantemente [...]».¹⁸ Os médicos salvariam a vida de Röhm, mas pouco podiam fazer para reparar a sua aparência. Até ao dia da sua morte, transportaria uma lembrança desta noite no seu rosto desfigurado.

O tipo de ferimento de Röhm simbolizou uma nova e perturbadora dimensão da guerra — com efeitos psicológicos duradouros. Röhm fora ferido por um atacante que estava provavelmente a quilómetros de distância. Isto tornou o campo de batalha um local mais sangrento do que alguma vez tinha sido. Como escreveu Dave Grossman na sua obra seminal *On Killing: The Psychological Cost of Learning to Kill in War and Society*, é difícil para a maior parte dos seres humanos matar outra pessoa frente a frente. Um inquérito descobriu mesmo que a maioria dos soldados norte-americanos durante a Segunda Guerra Mundial tinha sido incapaz de matar usando as suas espingardas quando podia ver as vítimas.¹⁹ Apenas mudanças radicais no treino de combate nos anos pós-guerra conseguiram aumentar a taxa de mortos corpo a corpo. É por isso que a artilharia é uma arma tão poderosa e eficaz. Não apenas mata à distância, como mata enquanto parte de uma equipa de armamento. A responsabilidade de matar é assim partilhada. É significativo, como aponta Grossman, que Napoleão fosse artilheiro e quisesse sempre ter mais artilharia no campo de batalha do que o inimigo.²⁰

Muitos dos que viriam a ocupar posições significativas no movimento nazi estavam, por esta altura, a combater nestas condições mortíferas. Ao lado de Hitler e Röhm estavam Hermann Göring, que, perto do final da guerra, se tornou o comandante altamente condecorado do esquadrão do barão von Richthofen; Rudolf Hess, que combateu na Batalha de Verdun e depois da guerra se tornaria adjunto do Führer; Julius Streicher, que demonstrou coragem debaixo de fogo na Frente Ocidental e se tornaria mais tarde um dos mais infames antissemitas nazis;²¹ e Rudolf Höss, que foi o suboficial mais jovem de todo o exército alemão, e apenas pouco mais de vinte anos depois seria nomeado comandante de Auschwitz.

Todas estas pessoas, como todos os que lutaram na Frente, testemunharam a mais chocante das carnificinas — ao ponto de nos ser hoje difícil ter a verdadeira noção do que devem ter vivido. Pensemos, por exemplo, no monumento gigante em Thiepval dedicado aos soldados britânicos e sul-africanos que combateram no Somme. Este memorial recorda os mais de 70 mil «desaparecidos» — soldados que não têm sepultura conhecida. Como, podemos perguntar, podem «desaparecer» mais de 70 mil pessoas? A resposta é porque a maioria das pessoas que morreu em combate na Frente Ocidental foi morta pela artilharia, e os recentes avanços tecnológicos significavam que a artilharia era mais mortífera do que jamais tinha sido. Receber um tiro direto de um obus com altos explosivos era idêntico a estar à frente de um comboio em marcha. «Desaparecia-se» porque se era desintegrado em mil pedaços.

Não foram apenas os futuros nazis que testemunharam tudo isto durante a Primeira Guerra Mundial; também futuros pacifistas, comunistas e socialistas o viram. Tal como nem todos os alemães receberam alegremente a guerra, nem todos os que serviram no exército alemão se tornaram posteriormente nazis — longe disso. Erich Maria Remarque, por exemplo, esteve apenas poucas

semanas na linha da frente, no verão de 1917, antes de sofrer um ferimento por estilhaço que lhe acabou com a guerra, mas a experiência mudou-lhe a vida. O romance que viria a escrever sobre o conflito, *A Oeste Nada de Novo*, tornou-se um *bestseller* mundial. Remarque entendia fazer parte de uma geração que fora quebrada pela guerra.²² O romance detalhava as experiências de uma personagem chamada Paul Bäumer, que descrevia como a vida na Frente Ocidental o tornara, e aos seus camaradas, em criaturas que haviam perdido a humanidade.²³ O horror do hospital de campanha, com mortos e moribundos por todo o lado, levava Bäumer a concluir que a vida não tinha significado.²⁴ No fim de contas, ele perdera a esperança no futuro e perguntava-se, depois desta experiência devastadora, o que poderia o mundo do pós-guerra vir a oferecer.²⁵

Os nazis abominaram *A Oeste Nada de Novo* quando foi publicado em 1929. Desprezavam a visão de Remarque da futilidade do sofrimento. Estava a léguas de distância do modo como o Partido Nazi mais tarde exigiria que os alemães vissem a guerra. Embora Hitler encarasse a vida como uma «luta cruel», ainda sentia que existia nobreza em morrer pela nação, e a visão niilista de Remarque era-lhe anátema.

A visão do conflito preferida pelos nazis era apresentada por outro soldado, Ernst Jünger. Enquanto lutava na Frente Ocidental, teve uma experiência emocional no geral diferente da de Remarque. No seu relato literário, *Tempestades de Aço*, Jünger projetou-se como líder corajoso, inabalável, guerreiro capaz de inspirar os seus homens a ficarem nos seus postos demonstrando a sua própria bravura. «O que me ajudou a defender o meu argumento», escreveu, «foi o facto de eu próprio estar no sítio de maior perigo.»²⁶

Enquanto uma salva de artilharia rugia ao seu redor, Jünger teve um acoradar quase espiritual. Observou os seus homens de pé «empedernidos e imóveis» e «depois, à luz de um foguete, vi capacete de aço junto a capacete de aço, lâmina junto a lâmina brilhante, e fui acometido por um sentimento de invulnerabilidade.

Poderíamos ser esmagados, mas certamente não poderíamos ser conquistados». ²⁷

Tudo muito empolgante, e o oposto da visão de Remarque de selvagens lutando uns com os outros na lama. E, contudo, o que é fascinante é que muita da escrita descritiva de ambos é semelhante, com Jünger e Remarque a retratar vivamente o mundo de pesadelo da guerra nas trincheiras. Como é que um escritor pode tirar da experiência desta guerra o desespero niilista, e outro a dignidade e coragem?

A primeira resposta, obviamente, é que vinham ambos de origens muito diferentes. Desde muito novo que Jünger estava imbuído de um espírito de aventura — fugiu para se alistar na Legião Estrangeira quando era adolescente, até perceber que tinha cometido um erro e fugir. Por contraste, Remarque era um jovem estudioso com um lado melancólico. Mais tarde confessaria que tinha «passado uma juventude desconsolada, intercalada por pensamentos suicidas». ²⁸ Também tinham origens diferentes. Se Remarque vinha de circunstâncias humildes, Jünger pertencia a uma família abastada e era membro do *Wandervogel*, um movimento juvenil romântico.

Há também a questão do momento. Jünger alistou-se no exército alemão no momento inicial de entusiasmo pela guerra no verão de 1914. Remarque, três anos mais novo, foi recrutado em 1917. Como o dramaturgo alemão Carl Zuckmayer, que também lutou na Primeira Guerra Mundial, recordou mais tarde: «É notável como uma diferença entre gerações se desenvolve velozmente em tais ocasiões e como [se abre] um abismo profundo entre grupos que apenas têm um ou dois anos de idade de diferença.» Quando Remarque foi recrutado, a «degeneração do avanço inicial para uma guerra de fricção, uma chacina universal, sistemática», ²⁹ era já bem aparente.

Mais de dez anos depois do fim da guerra, o propagandista nazi Joseph Goebbels geraria grande publicidade ao apregoar o seu

ódio a *A Oeste Nada de Novo* e contrastá-lo com a sua admiração pela escrita de guerra de Jünger. Era uma batalha pela memória cultural da nação, e era um combate que os nazis estavam determinados a vencer. Os futuros soldados alemães precisavam de ser imbuídos da visão de Jünger da Primeira Guerra Mundial, não da de Remarque.³⁰

O desafio que os propagandistas nazis enfrentariam, contudo, era que, à medida que a Primeira Guerra Mundial progredia, a realidade do conflito se parecia cada vez mais com o romance de Remarque. O racionamento de pão foi imposto à Alemanha em janeiro de 1915, e em breve começaria a busca de bodes expiatórios. Como os jornais alemães seguiam a linha estabelecida pelas Forças Armadas — o Estado-Maior General não tinha cometido quaisquer erros — outros tinham de ser culpados do que estava a acontecer.

Hitler, numa carta escrita em 1915, deu uma pista para a opinião que estava a formar: «esperamos que aqueles de nós que terão a sorte de voltar a ver a sua pátria a encontrem mais pura e mais purificada de influências estrangeiras».³¹ O que Hitler queria exatamente dizer com «influências estrangeiras» ou «estrangeirismo» — a palavra alemã que usou foi *Fremdländerei* — não é claro. Tem sido sugerido que ele se referia à influência checa em Viena ou Linz, mas o especialista mundial na figura de Hitler insiste que é improvável que a palavra não abrangesse também os judeus. O que quer que Hitler quisesse dizer, tal como muitos dos seus camaradas na Frente, ele estava à procura de um bode expiatório.³²

Os judeus, claro, são bodes expiatórios há mais de dois mil anos. E agora, mais uma vez, voltaria a haver uma tentativa de os culpar pelos erros dos outros. Em 1916, o ministro prussiano da guerra alegou que membros da «população como um todo» lhe estavam a escrever «constantemente», alegando que os judeus se estavam a esquivar a combater na Frente. Assim, organizou-se um censo para descobrir exatamente quantos judeus estavam a cumprir serviço

nas Forças Armadas. O resultado desta contagem nunca foi divulgado — quase de certeza porque a resposta mostrava que os judeus não estavam de todo a evitar o serviço militar. A verdade era que os judeus alemães estavam a fazer mais do que lhes competia.³³

Os mais recentes estudos psicológicos mostram que esta tentativa de encontrar um bode expiatório se encaixa num padrão típico. A professora Karen Douglas, psicóloga social, crê que, como a maior parte dos teóricos da conspiração está «à procura de alguém para culpar», a ideia de «que há pessoas a puxar os cordelinhos nos bastidores» ajuda a lidar com as suas «sensações de impotência e desilusão». Os estudos sugerem que «as pessoas acreditam por vezes em teorias da conspiração sobre outros grupos como modo de proteger ou elevar o seu próprio grupo. Aqueles que são particularmente narcisistas quanto aos grupos a que pertencem têm tendência a acreditar mais fielmente nas teorias da conspiração sobre outros grupos».³⁴ O «narcisismo» do Alto-Comando alemão era considerável. Consideravam-se os melhores soldados do mundo. Como podiam, então, estar a perder esta guerra? Deve ser culpa de outros.

Existe também uma possível ligação entre as teorias da conspiração e a evolução da linguagem. O professor Robin Dunbar, psicólogo evolucionário, crê que a linguagem pode ter evoluído para que os seres humanos pudessem mexericar.³⁵ Tal como os nossos antepassados símios usavam a limpeza dos pelos para estabelecer e manter ligações sociais, também os seres humanos desenvolveram a linguagem para se vincular, discutindo tópicos como quem está a namorar com quem, quem está a enganar quem, e qual é a verdadeira história por trás das recentes ações do líder.³⁶ Com esta perspetiva como ponto de partida, embora o professor Dunbar não faça ele próprio esta ligação, podemos entender as teorias da conspiração como o mexerico dos mexericos — os segredos que os outros tentam esconder. É assim possível que tenhamos uma tendência evolutiva para achar as teorias da conspiração aliciantes.

O momento oportuno do censo de 1916 também revelou um aspeto muitas vezes esquecido do antissemitismo. Pode manter-se adormecido durante anos, e vir à superfície durante uma crise com intensidade renovada. Os judeus tinham beneficiado anteriormente com a unificação da Alemanha em 1871. Tendo sido restringidos no interior da Alemanha de múltiplas maneiras — eram, por exemplo, proibidos de exercer algumas profissões —, os judeus viviam agora com menos restrições.

Antes da Primeira Guerra Mundial, embora o antissemitismo ainda existisse na Alemanha, estava longe de ser universal. A maioria dos alemães não votava em partidos políticos que abraçassem políticas abertamente antissemitas. Na verdade, muitos judeus da Europa de Leste fugiram para a relativa segurança da Alemanha para escaparem à perseguição noutros sítios.³⁷ Mas existiam grupos no interior da Alemanha — em particular muitos dos que se chamavam a si próprios *völkisch* — que culpavam os judeus, pelo menos em parte, pelas imensas mudanças que tinham ocorrido enquanto o país se modernizou durante o século XIX e os primeiros anos do século XX. Estes grupos *völkisch* entusiasmavam-se com a beleza das florestas e as qualidades quase espirituais do camponês agricultor, e consideravam os judeus a antítese deste ideal bucólico.³⁸ Em vez de viverem uma vida rural, os judeus tinham tendência a assentar nas cidades e trabalhar no comércio — uma herança das antigas restrições às profissões que podiam seguir.

Isto significava que, quando alguns judeus não se conformavam ao estereótipo urbano antissemita, os antissemitas podiam ficar confusos. Eugene Leviné, um judeu alemão, recordava-se de regressar de uma caminhada no campo com os seus amigos judeus, depois da Primeira Guerra Mundial, e de ouvir um homem sentado no mesmo compartimento do comboio «a insultar os judeus». «E nós dissemos, “Ouça, nós somos todos judeus”. E ele desatou a rir-se, e disse, “Deve pensar que nós da província somos burros! Vocês são obviamente rapazes alemães decentes, que sabem viver,

desportistas. Não me vai agora dizer que são judeus.” E ele acreditava no que estava a dizer.»³⁹

Em fevereiro de 1917, eventos dramáticos em São Petersburgo deram início a uma cadeia de acusações que veio reforçar a ideia distorcida dos antissemitas sobre os judeus estarem por trás dos males da Alemanha. Houve uma revolta em São Petersburgo quando os operários protestaram contra a escassez de alimentos. A crise escalou rapidamente e, apoiados pelos soldados russos, os revolucionários forçaram o czar a abdicar no início de março. A rapidez com que a casa Romanov foi derrubada foi um aviso a todas as monarquias da Europa.

O Governo Provisório, que substituiu o czar, continuou a travar a guerra contra os alemães e os seus aliados. Isto provou ser um enorme erro. Não só a nova ofensiva russa na Galícia no verão de 1917 foi um fracasso, como Vladimir Lenine e os bolcheviques estavam a fomentar a revolução na frente interna e motins no exército. Alguns meses depois, em novembro de 1917, os bolcheviques conseguiram tomar o poder ao Governo Provisório.

Desenvolveu-se, posteriormente, uma teoria da conspiração segundo a qual os judeus estariam por trás do bolchevismo. Alguns bolcheviques de topo — particularmente Leon Trotski — tinham de facto origens judaicas, e a alegação era que Karl Marx, o teórico por trás da revolução, também o era. Mas a ideia de a revolução de novembro de 1917 ter sido comandada ou controlada pelos «judeus» era um disparate. Os judeus estavam na verdade em minoria entre os principais bolcheviques, e Karl Marx, que tinha de facto antepassados judeus, foi batizado como luterano. Mas, como hoje, os factos não importavam aos teóricos da conspiração, e a mentira de os judeus controlarem o bolchevismo tornar-se-ia posteriormente parte central do pensamento nazi.

Desesperado por assegurar a revolução, Lenine queria terminar imediatamente o envolvimento da Rússia na guerra. Em dezembro de 1917 o novo regime russo acordara um armistício com a

Alemanha e os seus aliados — conhecidos coletivamente como Potências Centrais — e abriu negociações de paz na cidade de Brest-Litovsk, a pouco mais de 160 quilómetros a leste de Varsóvia.

Em simultâneo, as Potências Centrais tiveram um lembrete de que o seu próprio apoio na frente interna estava a fraturar-se. No verão de 1917–1918 houve uma série de greves, primeiro em Viena e Budapeste, e em seguida em Berlim. Parecia que a exigência de «paz e pão» que ajudara a inflamar a Revolução Russa se estava a espalhar para ocidente. Posteriormente, nazis de topo iriam recordar-se como a fome desgastara a vontade dos alemães durante a Primeira Guerra Mundial, e estavam determinados a que isso não se repetisse na Segunda Guerra.⁴⁰

Leon Trotski viu as greves de janeiro de 1918 como prova de que a revolução se estava a espalhar pela Europa. Alegou que o «proletariado internacional» se ergueria se «o imperialismo alemão tentasse quebrar-nos com as rodas da sua máquina militar».⁴¹ Estava enganado.

As forças de segurança alemãs conseguiram esmagar a greve de janeiro de 1918 em Berlim e, a 9 de fevereiro, as Potências Centrais assinaram um tratado de paz com a Ucrânia. Em troca de um milhão de toneladas de pão por ano, os alemães e os seus aliados reconheciam agora a independência ucraniana. Tratava-se de uma clara provocação ao novo regime bolchevique na Rússia, visto que a Ucrânia tinha anteriormente feito parte do Império Russo.

A guerra a leste, que fizera uma pausa enquanto as negociações tinham lugar, voltou à vida quando cerca de um milhão de soldados das Potências Centrais avançou sobre a Letónia, Estónia, Bielorrússia e Ucrânia. As forças russas não dispunham do poder nem da motivação para os parar, e em março Kiev tinha sido capturada pelas Potências Centrais.

Lenine estava agora mais ansioso do que nunca por sair da guerra. Sabia que uma das razões pelas quais o czar fora derrubado

tinha sido a presença em São Petersburgo de soldados recrutados que não queriam ser enviados para a Frente. A mensagem que Lenine leu nisto era simples: fazer tudo o que fosse necessário para acabar com os combates. Mesmo uma paz humilhante seria melhor do que nenhuma paz. O desespero dos bolcheviques por assinar um acordo não passou despercebido, com o tenente-coronel Pokorny do Estado-Maior General austro-húngaro a apontar que «um tratado de paz parece ser uma questão de vida ou de morte para o governo de Lenine».⁴²

Mas o tratado que os bolcheviques assinaram com as Potências Centrais foi muito pior do que simplesmente humilhante. Foi um dos acordos mais draconianos e unilaterais da História. Nos termos do tratado de Brest-Litovsk, assinado a 3 de março de 1918, os russos abdicavam de um terço da sua população pré-guerra e de quase 90 por cento do seu carvão. Atribuía-se a «independência» a uma série de territórios que tinham estado sob controlo russo, incluindo a Finlândia, a Lituânia e a Ucrânia. Mas para muitos destes sítios esta «independência» significava soldados alemães estacionados na sua terra.⁴³

Muito embora todo o acordo tenha sido desmantelado pelos Aliados depois da Primeira Guerra Mundial e todos estes ganhos alemães tenham sido perdidos, uma questão restava. O tratado de Brest-Litovsk demonstrara que era possível forçar os russos a aceitarem um acordo que lhes retirava preciosos recursos. Quando Hitler decidiu invadir este mesmo território durante a Segunda Guerra Mundial, os alemães recordar-se-iam deste pedaço de história crucial. Como escreveu o historiador Golo Mann, «tem-se chamado a Brest-Litovsk a paz esquecida, mas os alemães não a esqueceram. Sabem que derrotaram a Rússia, e por vezes olham para isso orgulhosamente como o verdadeiro, mesmo que não reconhecido, feito da guerra».⁴⁴

Mas se as Potências Centrais tinham obtido ganhos espetaculares a leste, a ocidente a situação estava a deteriorar-se. Os Estados

Unidos tinham declarado guerra à Alemanha em abril de 1917, e, seis meses depois, soldados norte-americanos participavam nos combates. Na frente interna os alemães sofriam a pior escassez até então, e o estado de espírito era turbulento. Em maio de 1918, em Ingolstadt, na Baviera, irromperam manifestações quando um inválido se queixou alto e bom som sobre a guerra e foi atacado pela polícia.

Alois Pfaller participou na manifestação de Ingolstadt quando ainda era miúdo. «Havia uma grande multidão», recordou. «Eu vinha da província, [e] nunca tinha visto nada assim [...] junto à Câmara Municipal, não longe da minha casa, havia milhares de cidadãos e soldados em frente à esquadra da polícia, exigindo que o agente que supostamente batera no inválido de guerra [saísse] [...] Gritavam, mais e mais, mas ele não se mexia, não saiu. Então um soldado pegou numa pedra e disse-me: “Anda, vamos partir uma janela, talvez ele então saia.” Não precisou de mo dizer outra vez [...] era bom termos permissão para partir uma janela. Então eu parti-a, valha-me Deus! Aí começou tudo! Assim que um vidro se partiu, foram todos à procura de pedras para partir as janelas.»⁴⁵

A multidão acabou por conseguir entrar na Câmara Municipal e destruir o interior. «Por essa altura eu já me tinha ido embora», recordou Pfaller. «Era demais para mim. Estava assustado, pus-me na alheta [...] Já tinha tido que chegasse para uma primeira vez. Achei que era demasiado arriscado.» Mas sempre recordou como os soldados aquartelados na cidade «queriam acabar com a guerra» e «gritavam todos: “Queremos paz, queremos paz!”» Na visão de Pfaller, tratava-se de um exemplo de como as pessoas normais se podiam erguer contra a opressão. Inspirado por esta manifestação, Pfaller tornou-se mais tarde membro do Partido Comunista Alemão.

Enquanto a manifestação de Ingolstadt decorria, uma derradeira tentativa alemã de ataque estava a ter lugar na Frente Ocidental. O Alto-Comando alemão reconheceu que tinha de se fazer algo

de radical para levar a guerra à sua conclusão — e esse algo foi a ofensiva de Ludendorff, uma tentativa de forçar os Aliados a retirarem na direção do Canal da Mancha. O foco estava num ataque total, com unidades de tropas de choque especialmente treinadas a carregarem sobre a linha aliada, protegidas por uma barragem rolante de artilharia que caía mesmo à sua frente.

Inicialmente, os alemães obtiveram ganhos consideráveis. No final de março de 1918, Alfred Hugenburg, presidente do gigantesco conglomerado de armamentos Krupp e, mais tarde, membro do governo de Hitler, enviou uma mensagem efusiva ao marechal de campo Hindenburg: «Aqueles que duvidavam timidamente da vitória alemã e aqueles que nunca acreditaram nela veem-na agora como uma possibilidade alcançável à sua frente [...]»⁴⁶

No final de maio, parecia que Paris podia estar novamente sob ameaça. «É maravilhoso ver o ar atual nos rostos dos nossos valerosos regimentos ao avançarem ao ataque», escreveu Herbert Sulzbach, tenente alemão; «quase riem de alegria, e apenas conseguem ver a vitória. Se vocês aí em casa os pudessem ver!»⁴⁷ O capitão Fritz Matthaei, comandante de batalhão na 36.^a Divisão, mostrava-se igualmente eufórico. «Por todo o lado a alegria da batalha, o entusiasmo da batalha», escreveu numa carta para casa. «A vitória chamava a cada esquina, os prisioneiros e os espólios passavam ao nosso lado, e o sol brilhante de maio sorria de êxito. Os dias de 1914 parecem ter voltado.»⁴⁸ De certo modo, tinha razão. Porque, tal como as vitórias iniciais de 1914 tinham provado ser um falso alvorecer, também a ofensiva de Ludendorff o foi. Apenas seis meses depois, a Alemanha perdeu a guerra.

Dado o otimismo de maio de 1918, muitos alemães procuraram uma explicação para esta catastrófica mudança de sorte numa vasta gama de teorias da conspiração — implicando frequentemente a fantasia de uma traição arquitetada por judeus e políticos socialistas. Mas a verdadeira razão da derrota dos alemães era mais

prosaica. Sim, o exército alemão tinha feito grandes avanços na primavera de 1918, mas tinha-o conseguido a enormes custas — mais de 680 mil soldados mortos, feridos, capturados ou desaparecidos.⁴⁹

Herbert Richter, soldado alemão que participou na ofensiva no Marne em 1918, confirmou que, embora a sua unidade «tivesse avançado bastante» e «feito muitos prisioneiros», ainda assim «sofremos graves baixas». Depois de todos os outros oficiais da sua unidade terem sido mortos, ele — mero alferes — tivera de comandar uma bateria de artilharia: «Felizmente consegui fazê-lo, e depois retiraram-nos para a retaguarda para podermos recuperar.» Richter notou outra coisa durante os combates desse verão. Os Aliados «estavam mais bem equipados. Tinham botas à prova de água», enquanto Richter e os seus camaradas tinham «de avançar pelo lodo» com o seu calçado encharcado.⁵⁰

Embora os Aliados também tivessem sofrido perdas, a diferença crucial era que a chegada de um fluxo de tropas americanas permitiu-lhes serem revezados. Este enorme desequilíbrio de recursos foi uma das razões pelas quais Ferdinand Foch, comandante supremo das Forças Aliadas, se sentiu à vontade para dizer aos outros líderes militares aliados, a 24 de julho de 1918 — num memorando que lhes foi lido por Maxime Weygand, o seu chefe do Estado-Maior —, que se atingira um «ponto de viragem». «Chegou o momento», disse Weygand, refletindo a opinião de Foch, «de abandonar a atitude defensiva generalizada a que fomos até agora forçados pela inferioridade numérica e de passar à ofensiva.»⁵¹

Os alemães foram golpeados até à submissão. Recorrendo a tanques e a aviões coordenados com bombardeamentos de artilharia de precisão, os Aliados furaram as linhas de defesa do inimigo e, ao longo dos poucos meses que se seguiram, forçaram os alemães exaustos a retirar. No final de setembro de 1918, tanto o marechal de campo Hindenburg como o general Ludendorff — na prática os homens mais poderosos da Alemanha — tinham decidido que

a situação era insustentável. O conhecimento do que acontecera no ano anterior na Rússia, quando as tropas desalentadas tinham ajudado a derrubar a ordem estabelecida, pesava sobre eles. A todo o custo, queriam evitar à Alemanha um destino semelhante. Disseram ao *kaiser* que não apenas era necessário um armistício imediato, como os Aliados — em especial os norte-americanos — tinham de receber garantias urgentes de estarem a lidar com uma Alemanha mais democrática.

Era uma estratégia que tinha uma vantagem acrescida no que dizia respeito a Ludendorff e Hindenburg — distanciava-os da derrota. Podiam culpar por este fiasco políticos incompetentes, em vez de aceitarem eles próprios a responsabilidade. É esse o pano de fundo do célebre depoimento de Ludendorff ao seu Estado-Maior militar a 29 de setembro: «Aconselhei Sua Majestade a trazer para o governo aqueles grupos a quem temos no geral de agradecer o facto de a situação ter chegado a este ponto [...] Eles que concluem agora a paz que tem de ser negociada. Eles que se deitem na cama que nos fizeram.»⁵²

Parte essencial do plano para fazer os políticos deitarem-se na cama era continuarem a ocultar ao povo alemão a informação sobre o desastre iminente e garantir que a propaganda militar continuava a produzir mentiras otimistas.⁵³ Esta artimanha — obviamente concebida para acalmar os espíritos em casa e proteger as reputações dos comandantes alemães — teve um efeito devastador a longo prazo. Significou que, quando o armistício chegou finalmente em novembro, com os combates em si ainda a decorrer longe dos centros do poder alemão, o espanto foi geral. «Perguntámo-nos», recordou Herbert Richter, «porque não nos sentíamos nada derrotados. As tropas na linha da frente não se sentiam derrotadas, e perguntámo-nos porque é que o armistício estava a acontecer tão depressa, e porque tínhamos de abandonar todas as posições com tanta pressa, porque ainda estávamos em território inimigo e achávamos tudo isto muito estranho.»⁵⁴

No final de outubro e princípio de novembro de 1918, os acontecimentos aceleraram. Em Wilhelmshaven, os marinheiros revoltaram-se quando receberam ordens para abandonar o porto para o que consideravam ser um ataque inútil à marinha britânica, e os protestos espalharam-se rapidamente a Kiel e a outros sítios. Ecoando as palavras dos revolucionários russos no ano anterior, muitos dos manifestantes alemães reivindicavam a abdicação do *kaiser*.

Do quartel-general militar alemão em Spa, na Bélgica, o *kaiser* declarou que, se houvesse uma revolução bolchevique, «vou tomar o meu lugar à cabeça de algumas divisões, avançar sobre Berlim e pendurar de um poste todos aqueles que cometerem traição».⁵⁵ Mas foi dissuadido de realizar uma ação tão dramática por aqueles que o rodeavam, até porque alguns generais duvidavam que o exército estivesse preparado para o seguir.

O general Wilhelm Groener tinha outra ideia. Propôs que «o *kaiser* se dirigisse imediatamente para o campo de batalha a fim de aí buscar a sua morte».⁵⁶ Este autossacrifício, achou Groener, teria um efeito dramático no modo como os alemães percecionavam a guerra. Mas o *kaiser* não estava com grande vontade de perder a vida, e por isso abdicou na noite de 9 de novembro e fugiu para o exílio nos Países Baixos.

Previsivelmente, muita gente mostrou-se ultrajada pela deposição do *kaiser*. Ludwig Beck, mais tarde chefe do Estado-Maior do exército alemão, escreveu à irmã: «Nunca na minha vida fiquei tão transtornado com algo que testemunhei em pessoa como nos dias 9 e 10 de novembro. Um tal abismo de maldade, cobardia, falta de carácter, tudo coisas que até então eu considerava impossíveis. Em poucas horas, destruíram-se quinhentos anos de História; como um ladrão, o imperador foi deportado para território holandês. Não podia ter acontecido mais depressa — e a um homem nobre e moralmente honrado.» Significativamente, Beck também escreveu «fomos apunhalados pelas costas».⁵⁷ Uma frase que iria ressoar durante anos.

Mas esta não foi a única reação. Alguns oficiais mais novos, como Ernst Jünger, sentiram que o *kaiser* tinha traído o seu alto cargo ao não se sacrificar em combate. Em 1922, Jünger escreveu que a morte do *kaiser* «pode ser exigida por aquelas figuras incontáveis que partiram para as suas mortes antes dele».⁵⁸

Fridolin von Spaun, com 18 anos e ainda longe de se alistar no exército alemão, também se sentiu desiludido pela decisão do *kaiser* de fugir: «Tive de ver as classes dominantes alemãs, isto é, a aristocracia, o imperador, os reis, os príncipes, a desertarem sem a isso serem forçados devido a um golpe. Achei isto incompreensível. Que nem um único tenha tentado levantar qualquer resistência. Porque é que o príncipe herdeiro não marchou sobre Berlim com um exército — muito embora a guerra estivesse perdida? E, em vez disso, deixaram o caos atrás de si.» Spaun, que se filiaria mais tarde no Partido Nazi, «[aprendeu] com isto que as classes dominantes da velha era já não estavam em condições de governar. Foi uma compreensão dolorosa, mas para mim muito importante».⁵⁹

A imagem do *kaiser* a fugir à pressa para salvar a sua própria pele sobreviveria — uma mancha permanente na reputação da monarquia. O contraste seria posteriormente mais óbvio entre o *kaiser*, em segurança na retaguarda durante a guerra e depois vivendo em opulência no exílio, e o próprio serviço de Hitler como soldado raso na Frente, onde ganhou uma Cruz de Ferro por bravura.

Contudo, apesar da sua derrota, quando os soldados alemães regressaram a casa não foram tratados como parte de um exército humilhado. Um jornalista do *Times* testemunhou uma «multidão enorme» a receber os soldados em Berlim com uma «recepção animada». A 10 de dezembro de 1918, o novo chanceler, Friedrich Ebert, disse às tropas em parada nas Portas de Brandemburgo: «Nenhum inimigo vos venceu. Só quando a preponderância dos nossos adversários em homens e material se tornou mais pesada desistimos da luta, e só devido à vossa heroica coragem foi nosso dever não vos exigir mais sacrifícios inúteis.»⁶⁰

Não é difícil imaginar porque Ebert pregou a falsidade de o exército alemão não ter sido derrotado. Havia o perigo de uma revolução, e se distorcer a verdade pudesse manter a lealdade dos soldados, então que assim fosse. Mas, ao escolher este rumo de ação, alimentou a mentira mais perniciosa a que Ludwig Beck e outros deram voz — de que o exército na Frente fora «apunhalado pelas costas» por inimigos na retaguarda na Alemanha.

Foi uma teoria da conspiração abraçada no ano seguinte por um dos homens mais respeitados do país — o marechal de campo Paul von Hindenburg. Ele fizera tudo o que pudera para fugir às culpas que merecia pelo rumo desastroso que a guerra tomara. A propaganda militar tivera o cuidado de o pintar como o «Herói de Tannenberg» — uma vitória que ele planeara na Frente Oriental em 1914. As derrotas posteriores mal eram mencionadas ao lado deste triunfo inicial.

Numa audiência pública em 1919, Hindenburg aproveitou a oportunidade para se distanciar ainda mais da humilhação da Alemanha no ano anterior. Assegurou que procurara uma «cooperação poderosa e animada» dos partidos políticos alemães durante a guerra mas que, em vez disso, «encontrara o falhanço e a fraqueza». Citou com aprovação as palavras de um «general inglês» que alegadamente dissera que «o exército alemão foi apunhalado pelas costas». Consequentemente, reivindicou, o exército não podia ser culpado pelo que tinha acontecido.⁶¹

Com estas palavras, Hindenburg provocou danos enormes na psique de muitos alemães. No caos que existia no rescaldo da guerra, o anseio por uma figura de confiança que dissesse a verdade a milhões de alemães nacionalistas era imenso. E quem podia ser mais de confiança do que o conquistador Herói de Tannenberg? Dado o seu passado supostamente honroso, o papel de Hindenburg na propagação da mentira da «punhalada nas costas» não pode ser sobrestimado. Como escreveu o jornalista Theodor Wolff em novembro de 1919, «a infeliz teoria do bode expiatório não

poderia ter emergido se a teoria da infalibilidade [segundo a qual Hindenburg e Ludendorff não teriam feito nada de mal] não se tivesse erguido do outro lado». ⁶²

Pior ainda, como faz notar a professora Douglas, os estudos psicológicos mostram que «é muito difícil, uma vez que alguém detenha fortemente uma convicção, alterar tais convicções». Mais ainda, «Se alguém acredita numa teoria da conspiração, tem maiores probabilidades de acreditar em, ou de ir à procura de outras. As pessoas podem ir pela toca do coelho abaixo e podem perder-se um bocado.» ⁶³

Em janeiro de 1919, por entre esta atmosfera febril, até pareceu poder existir uma revolução alemã de sucesso. Houve motins nas ruas de Berlim, encorajados por duas figuras-chave da esquerda — Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo — com Liebknecht a apelar abertamente à revolução mundial. Fridolin von Spaun ouviu Liebknecht falar e ficou horrorizado. «Eles queriam mergulhar a Alemanha no caos», recordou. «Queriam derrubar o governo de Ebert. Cheguei à conclusão de que devíamos resistir a isso. E daí em diante foi exatamente isso que fiz, o melhor que pude.» ⁶⁴

Pouco depois, Spaun juntou-se a um dos *Freikorps*. Tratava-se de grupos de paramilitares de direita, muitas vezes a soldo do governo, que se tinham formado no rescaldo da guerra perdida. Muitos esperavam que no futuro fosse criado um «Terceiro Reich». (O «Primeiro Reich» era considerado como tendo sido o Sacro Império Romano e o «Segundo Reich» o império formado na unificação alemã, que durou até ao fim da Primeira Guerra Mundial.) Mas para muitos, a ideia do Terceiro Reich pouco mais era do que uma fé num conceito nebuloso de uma Alemanha renascida. «Nada é mais característico do espírito associativo dos *Oberländer* do que a sua Ideia do Terceiro Reich [...]», escreveu um apoiante do *Freikorps* Oberland. «Os homens sonharam profundamente sobre este Mistério — um mistério que teria sido corrompido por um

programa político concreto assim que se tentasse defini-lo mais precisamente.»⁶⁵ Os homens de cada *Freikorps* juravam lealdade absoluta ao seu comandante — um ato que simbolizava «a subordinação do indivíduo [...] às necessidades de toda a nação».⁶⁶

Unidades de *Freikorps* desempenharam um papel crucial na repressão da revolta em Berlim e, a 15 de janeiro de 1919, tanto Luxemburgo como Liebknecht foram capturados e assassinados. Ebert, juntamente com Gustav Noske, que ajudara a esmagar a revolução em Kiel poucas semanas antes, mostrou-se satisfeito por recorrer a estes brutamontes por conta própria ao lado das tropas governamentais. É de notar que Ebert e Noske não eram políticos de direita, mas membros do Partido Social-Democrata (SPD). Em tais tempos de desespero, mesmo o centro-esquerda estava disposto a recorrer a paramilitares de direita.

Quatro dias depois das mortes de Luxemburgo e Liebknecht, os eleitores alemães foram às urnas para eleger representantes à nova Assembleia Nacional. Foi um momento histórico na história política alemã — as primeiras eleições nas quais as mulheres puderam votar. Os resultados demonstraram o desejo inequívoco de um novo começo por parte do povo alemão, com uma grande maioria a votar em partidos empenhados tanto na democracia como na nova Alemanha.

Mas nada disto significava que a situação política tinha estabilizado. Em Munique, por exemplo, a situação era tensa. Um jornalista socialista chamado Kurt Eisner conseguira usar uma manifestação a 7 de novembro de 1918 para incitar os soldados a revoltarem-se. Os eventos tiveram lugar com estonteante velocidade, e, às primeiras horas do dia seguinte, a Baviera foi declarada uma república. A família real bávara — incluindo o rei — abandonou a cidade à pressa.

Ernst Röhm, que viajava de passagem por Munique nesse mês de novembro, mostrou-se horrorizado com o que acontecera. Considerou-o «o mais vergonhoso golpe contra o sistema». Na sua

autobiografia, publicada em 1928, citou uma série de panfletos que «redigi e distribuí» em fevereiro de 1919 e que expressavam «as minhas opiniões na altura». Röhm admoestava os soldados que tinham tomado parte na revolução e dizia-lhes que «na hora de mais terrível necessidade da Pátria, haveis traído o vosso Imperador e Rei e violado o juramento feito perante Deus». O «espírito» dos soldados fora envenenado por «judeus e patifes subornáveis». Estes «judeus e estrangeiros agora governam-vos», disse Röhm, e juntamente com outros «traidores ao nosso país» haviam apunhalado «pelas costas as nossas valorosas forças». Pedia aos soldados que «resgatem a vossa honra, restaurem-na depois de terem violado o juramento que formalmente fizeram perante Deus!»⁶⁷

Estas são as primeiras centelhas de uma abordagem que os nazis empregariam nos anos seguintes. Hitler acolheria posteriormente no partido muitos soldados que tinham previamente apoiado os socialistas — ou mesmo os comunistas — desde que renunciassem à sua «traição». De tal modo que Hitler esticaria mais tarde a realidade alegando que, no início dos anos 1920, «90 por cento» do Partido Nazi fora composto de «elementos de esquerda». ⁶⁸ Era vital, claro, para permitir esta alteração de lealdade, manter a teoria da conspiração de que aqueles à esquerda tinham sido enganados por um núcleo central de «judeus» e «traidores» — os instigadores da desordem, que nunca poderiam ser perdoados.

Muitos outros grupos à direita também culpavam os judeus pelo que estava a acontecer na Alemanha. No dia a seguir a Kurt Eisner ter declarado o «Estado Popular da Baviera», uma organização *völkisch* chamada Sociedade de Thule realizou uma reunião em Munique na qual discursou o seu fundador, Rudolf von Sebottendorff. «Irmãos e irmãs!», começou ele. «Ontem, vivemos o colapso de tudo o que nos era familiar, querido e valioso. Em vez dos nossos príncipes de sangue, é o nosso inimigo mortal que governa: Judá. Ainda não sabemos o que se erguerá deste caos.

Podemos adivinhá-lo. O tempo da luta chegará, de amargas tribulações, um tempo de perigo! Nós que estamos nesta luta estamos todos em perigo, pois o inimigo odeia-nos com o infinito ódio da raça judaica. É agora olho por olho, dente por dente [...].»⁶⁹

O facto de Kurt Eisner ter recentemente cumprido pena de prisão, acusado de ter incitado uma greve, e de ter nascido judeu, era perfeitamente apropriado para a história que Sebottendorff queria contar. Para ele, Eisner era inquestionavelmente alguém que possuía o «infinito ódio da raça judaica». Mas, como todos os preconceitos, o argumento de Sebottendorff — se podemos dignificar assim as suas vociferações — dependia da escolha seletiva dos factos. A causa fundamental da revolução de Munique de novembro de 1918 não fora uma figura como Eisner, por mais extraordinária que fosse, mas sim os resultados de uma guerra perdida. Tudo o que Eisner fez foi dar voz ao ressentimento e à raiva que já existiam.

Não se deve esquecer que Eisner apenas conseguiu derrubar a monarquia bávara por ter o apoio de milhares de pessoas, incluindo as feministas Anita Augspurg e Lida Gustava Heymann. «A Anita Augspurg e eu fomos ver o Kurt Eisner», escreveu Heymann anos mais tarde. «O que este homem queria coincidia com as nossas aspirações, para as quais dirigíamos o trabalho da nossa vida; estávamos unidos pelo mesmo anseio pela libertação da escravatura, pela liberdade e pela justiça [...] Olhando para trás, os meses seguintes parecem ter sido um sonho maravilhoso, tão incrivelmente esplêndidos que foram. O enorme peso dos anos de guerra tinha desaparecido; passeávamos com toda a energia, otimistas. As horas do dia perderam todo o significado, as horas das refeições eram esquecidas, a noite passava a dia, não precisávamos de dormir; apenas havia uma única chama viva acesa: ser ativa, ajudar a criar uma comunidade melhor [...] Finalmente, as mulheres podiam criar algo a partir de muito [...] Foram umas semanas de inverno cheias de trabalho, esperança e felicidade.»⁷⁰

No entanto, Eisner corria sempre o risco de um ataque de um contrarrevolucionário, e a 21 de fevereiro de 1919 foi vítima de um ataque brutal. O conde Anton von Arco auf Valley disparou sobre Eisner e matou-o quando ele se dirigia para o parlamento. «Eisner procura a anarquia», escrevera Arco antes de o atacar, «é um bolchevique, é um judeu, não é alemão, não se sente alemão, sabota todo o tipo de sentimento alemão, é um traidor ao seu país.»⁷¹

A morte de Eisner foi amargamente irónica. Primeiro, porque já atravessara um grande revés político, tendo perdido terreno em eleições recentes: e, segundo, porque Arco foi provavelmente motivado em parte pelos seus próprios antecedentes judaicos e pela recusa de Sebottendorff em aceitá-lo na Sociedade de Thule. Sebottendorff escreveu que Arco «tinha sangue judeu nas suas veias pelo lado da sua mãe (nascida Oppenheim), é um judeu [...]».⁷² Não importava que muitos dos Oppenheim se tivessem convertido ao cristianismo e fossem politicamente de direita — para Sebottendorff continuavam a ser judeus. Como racista fanático, acreditava que tudo o que importava era o «sangue» que fluía nas veias; o próprio lema da Sociedade de Thule era: «Lembra-te de que és alemão! Mantém o teu sangue puro!»⁷³

Por entre contínuos problemas económicos — agravados pela prevalência de uma epidemia de gripe espanhola que matou mais de um quarto de milhão de alemães — em abril formou-se em Munique uma «*Räterepublik*» ou «república de conselhos». Os proponentes radicais deste novo regime tinham originalmente planeado que o Partido Comunista participasse no governo, mas os comunistas retiraram o seu apoio no último minuto. Entretanto os Sociais-Democratas, sob a liderança de Johannes Hoffmann, fugiram para Bamberg, no norte da Baviera, e denunciaram os revolucionários em Munique.

Esta primeira *Räterepublik* existiu durante menos de uma semana. Mas foi ainda assim tempo suficiente para se tornar uma piada duradoura. Em resposta a uma mensagem de Lenine

perguntando como estava a correr a «revolução», o ministro-adjunto dos Negócios Estrangeiros, o Dr. Franz Lipp, respondeu que as boas notícias eram que «o proletariado da Alta Baviera [está] unido em felicidade» mas as más notícias eram que «o fugitivo Hoffmann [...] levou consigo a chave da retrete do meu ministério».⁷⁴ Lipp também declarou guerra à Suíça por se ter recusado a «emprestar» ao regime sessenta locomotivas ferroviárias. Soube-se posteriormente que tinha recentemente tido alta de um hospital psiquiátrico.⁷⁵

O regime que se seguiu a esta primeira *Räterepublik* dificilmente podia ter tido uma atitude mais diferente. Esta segunda *Räterepublik*, uma república soviética de linha dura, era dirigida por revolucionários rijos, e o catalisador da sua tomada do poder foi o plano de Hoffmann de retomar o controlo de Munique. A fim de estabilizar a situação no interior da cidade, Eugen Leviné, um comunista alemão nascido na Rússia, removeu os diletantes da *Räterepublik* original e tomou ele próprio o controlo. Quando Alois Pfaller ouviu a notícia, sentiu que «a chegada do socialismo era um raio de esperança, o desemprego seria vencido, teríamos direito ao emprego, e seríamos pagos mais [...] havia esperança, claro, isso é notório [...]».⁷⁶

Muitos dos líderes deste novo regime tinham nascido judeus. Isto gerou ainda mais propaganda antisemita dos seus opositores, mais uma vez alegando falsamente uma ligação inextricável entre o judaísmo e o bolchevismo.

No final de abril, as forças governamentais apoiadas pelo *Freikorps* estavam prontas a atacar. Começaram por tomar Dachau, a 20 quilómetros a noroeste de Munique, e depois entraram na capital bávara a 1 de maio. O seu ataque foi alimentado pela informação de que, na véspera, os líderes da República Soviética Bávara tinham ordenado o assassinio de dez reféns — mortes que viveriam durante anos na propaganda dos nacionalistas. Vários fatores combinaram-se para tornar os assassinios particularmente notórios. O primeiro foi ter sido fuzilada uma mulher — e não apenas uma

mulher qualquer, mas uma aristocrata, a condessa Heila von Westarp. Outro foi as mortes terem tido lugar no recreio de uma escola, no liceu Luitpold.

Emil Klein, adolescente de Munique que se estava «lentamente a politizar», ficou horrorizado com a notícia das mortes. «Foi a primeira vez que ouvi falar de reféns fuzilados», recordou. «E essa foi a medida do horror para mim [...] E é uma memória poderosa de que nunca me esqueci, comunas a matar reféns no liceu de Munique, é algo de que tenho uma memória muito clara.»

Klein testemunhou a chegada das unidades do *Freikorps* de direita à cidade e viu como «as pessoas as receberam com flores [...] e gritaram “Hurra!”. Nessa altura, as pessoas ainda não tinham começado a gritar “Heil!”, gritavam “Hurra” [...] E os comunas desapareceram! Foi o melhor que podia ter acontecido [...] Claro que nós, os miúdos, ficámos muito entusiasmados com tudo.» Lembrava-se de como o *Freikorps* os deixara, a ele e aos seus amigos, sentarem-se em cima dos seus carros blindados, «e levaram-nos durante parte do caminho e depois nos deixaram sair [...] naturalmente, foi um grande dia quando eles marcharam sobre a cidade».⁷⁷

Ernst Röhm, que entrou em Munique como parte de um *Freikorps* liderado por Franz von Epp, esteve envolvido na «limpeza» da cidade que se seguiu. Foi um caso sangrento — foram mortas cerca de mil pessoas.⁷⁸ Contudo, foi a morte de dez reféns no liceu Luitpold, perpetrada pelos comunistas, que ficou na cabeça de Klein como uma «memória muito clara». Não era surpresa, pois os nazis sublinhariam posteriormente a «ameaça» que representava a breve existência desta República Soviética na Baviera.

Apenas uma semana depois de os *Freikorps* e de outras tropas terem entrado em Munique, um evento de ainda maior importância teve lugar 676 quilómetros a oeste, nos arredores de Paris. Uma delegação alemã viajou até ao palácio de Versalhes para receber os

pormenores do tratado que formalmente acabaria com a guerra. Os alemães, como perdedores do conflito, não tinham estado envolvidos nas discussões dos Aliados sobre este documento, muito embora ele fosse alterar fundamentalmente todas as suas vidas.

Embora seja do conhecimento geral até que ponto Hitler e os nazis usariam posteriormente o tratado de Versalhes como justificação para muitos dos seus atos de agressão, um aspeto importante da história é muitas vezes esquecido. Os nazis — a par de muitos outros alemães — alegavam que os Aliados tinham faltado à sua promessa sobre a natureza do acordo de paz. Especificamente, sentiam que o presidente norte-americano lhes tinha mentido.

Em janeiro de 1918, o presidente Woodrow Wilson falara ao Congresso dos Estados Unidos sobre «Catorze Pontos» que deveriam ser usados como princípios para criar a paz depois da guerra. Eram ideias progressivas, com sugestões de autodeterminação, desarmamento e liberdade de comércio. As palavras de Wilson pareciam oferecer um modo de sarar a Europa depois da guerra.

Fridolin von Spaun falou em nome de muitos alemães ao dizer que «alguns desses pontos nos pareciam ser bastante aceitáveis. Havia dois pontos em particular: o direito à autodeterminação nacional, maravilhoso. E o segundo ponto era: a Alemanha deve ser desarmada. Mas isso era só o princípio do desarmamento geral.» Contudo, em vez de um acordo de paz baseado nos Catorze Pontos de Wilson, Spaun soube — para sua «grande decepção» — que o tratado de Versalhes impunha uma série de medidas que castigariam o seu país. «Chamam-lhe um tratado», disse; «não era um tratado, apenas lhe posso chamar um *diktat*.»⁷⁹

Ao abrigo dos termos do tratado de Versalhes, a Alemanha perderia 13 por cento do seu território, incluindo a Alsácia e a Lorena e grandes porções da Prússia Oriental. Mas — e mais uma vez, este ponto é muitas vezes esquecido — em termos de escala, isto não era tanto território quanto o que os alemães e os seus aliados haviam forçado os russos a abrir mão ao abrigo do tratado

de Brest-Litovsk, ou que os húngaros viriam daí a pouco tempo a ter de ceder no tratado do Trianon.

Para os alemães não se tratava apenas da perda de território. Não só se previa que as «reparações» que tinham de pagar seriam incapacitantes, como existia igualmente uma cláusula no tratado que proibia a Alemanha de se unir à Áustria — mesmo se os austríacos o desejassem. Adicionalmente, milhões de alemães étnicos viviam em territórios que iriam ser retirados à Alemanha e incorporados numa Polónia reconstituída. O que era tudo isto senão uma traição ao sonho Wilsoniano de autodeterminação?

Emocionalmente, pelo menos, havia uma disposição ainda pior. Ao abrigo da cláusula chamada de «culpa de guerra», a Alemanha era forçada a aceitar a responsabilidade pela guerra. Isto parecia ser particularmente injusto para muitos alemães. Afinal de contas, defendiam, não tinha sido um sérvio bósnio a acender a faísca do conflito ao assassinar o arquiduque austríaco? E a mobilização das Forças Armadas por parte dos russos, não tinha também ela desempenhado um papel nas causas da guerra?

Tinha sido possível aos alemães terem esperança, nos dias e meses turbulentos que se seguiram ao armistício, num futuro mais feliz que estaria ao virar da esquina. Acreditavam que os Catorze Pontos do presidente Wilson ofereciam um novo princípio, e a figura de peso que era o seu novo chanceler tinha-lhes dito que o seu exército não tinha sido derrotado. Agora, num catastrófico revés da sorte, recebiam ordens para aceitarem a culpa de terem começado a guerra.

O conde Ulrich von Brockdorff-Rantzau, ministro dos Negócios Estrangeiros e líder da delegação alemã a Versalhes, mostrou-se ultrajado ao ler os termos do acordo. A 7 de maio de 1919, pronunciou uma resposta devastadora aos Aliados, recordando-os do sofrimento imposto à Alemanha depois do armistício pela continuação do bloqueio aliado, que impedira a chegada ao país de comida e outros abastecimentos. «As centenas de milhares de

não combatentes que pereceram [na Alemanha] desde 11 de novembro [de 1918]», disse, «foram destruídas fria e deliberadamente depois de os nossos adversários terem obtido uma vitória certa e garantida. Recordai-vos disso, quando falardes de culpa e expiação.» Mais ainda, sublinhou, os Aliados haviam voltado atrás com a sua promessa de a «base da paz» serem os princípios traçados por Woodrow Wilson.⁸⁰

Em Berlim, Philipp Scheidemann, que substituíra Ebert como chanceler a seguir à elevação de Ebert a presidente, sentiu-se igualmente enfurecido. Disse ao Reichstag: «Hoje parece que o sangrento campo de batalha do Mar do Norte até à fronteira suíça regressou à vida em Versalhes, como se fantasmas travassem uma última batalha de ódio e desespero por sobre as pilhas de cadáveres [...] Pergunto-vos: Que homem honesto — não vou dizer alemão —, que homem leal, honesto, aceitaria tais condições? Que mão não preferiria mirar a entregar-se a estas correntes?»⁸¹

Heinz Guderian, oficial alemão que combatera nas trincheiras e se tornaria mais tarde um dos mais famosos comandantes de blindados da Segunda Guerra Mundial, estava desesperado: «Se aceitarmos esta paz estamos acabados», disse, «e, se não a aceitarmos, estamos provavelmente acabados na mesma.» Acreditava que assinar o tratado seria desonroso, mesmo se o preço fosse os Aliados recomeçarem a guerra. Pelo menos então, pensou Guderian, «não podem fazer mais do que destruir-nos».⁸²

Scheidemann não conseguia aguentar implementar os termos do tratado e demitiu-se de chanceler a 20 de junho. A Alemanha estava agora numa encruzilhada. Os Aliados estavam prestes a cumprir a sua ameaça de invadir a não ser que os alemães assinassem o tratado, e os generais alemães tinham deixado claro que não havia grande hipótese de lhes resistir. Nesta situação desesperada, o presidente Ebert cedeu ao inevitável. O seu novo governo liderado por Gustav Bauer concordou que o tratado tinha de ser assinado, mesmo perante o ultraje público.⁸³ Os alemães que assinaram os

seus nomes no tratado, numa cerimónia na Sala dos Espelhos de Versalhes a 28 de junho de 1919, seriam para sempre vilipendiados pela direita nacionalista.

A oposição a Versalhes era uma das razões pelas quais um ex-militar chamado Adolf Hitler entrou na política. No seu livro *Mein Kampf*, escreveu que decidira seguir carreira política em novembro de 1918, enojado pelo modo como a guerra terminara.⁸⁴ Mas era mentira. Durante todo o período discutido neste capítulo — até à assinatura de Versalhes — ele andara à deriva, aparentemente incerto quanto ao que o futuro lhe reservava.

Isso estava prestes a mudar.

UMA NARRATIVA DECISIVA DAS MOTIVAÇÕES E MENTALIDADES DO MOVIMENTO NAZI E DOS SEUS APOIANTES

Como puderam os nazis cometer os crimes que cometeram? Por que razão comandantes de campos de concentração e de morte levaram a cabo com frequência — e, muitas vezes, entusiasticamente — assassínios em massa? Como puderam os alemães comuns tolerar as atrocidades que se perpetravam?

Neste livro, o autor *bestseller* Laurence Rees combina testemunhos inéditos de ex-nazis e daqueles que cresceram no sistema nazi com a mais recente investigação psicológica em obediência e autoridade, para ajudar a responder a algumas das questões mais perturbadoras relativas à Segunda Guerra Mundial e ao Holocausto.

Da política das franjas da década de 1920 ao triunfo eleitoral e à mobilização em massa da década de 1930, passando pelo Holocausto e pelo eventual desaparecimento do regime, Laurence Rees traça a ascensão e queda das mentalidades nazis — incluindo as condições que permitiram o florescimento de uma ideologia tão violenta e o sofisticado esforço de propaganda que a sustentou — pela lente de «12 Avisos», destacando os sinais a que devemos estar atentos nos atuais líderes.

«Um livro oportuno, relevante e importante.»

*Sir Ian Kershaw, autor *bestseller**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

penguinlivros

ISBN: 978-989-583-475-4



9 789895 834754